

MORAES, E.V. *Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia nos anos 80-90*. Salvador: EDUFBA, 2014, 167p.

MARIANE DA SILVA PISANI

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v24i24p581-584

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941

Antes do ano de 1941, pouco se sabe sobre a prática esportiva – sobretudo a prática futebolística – das mulheres. As praticantes, quando as partidas eram noticiadas nos cadernos esportivos dos jornais da época, eram descritas como senhoritas intrépidas, ousadas e desafiadoras. As partidas eram narradas com um misto de chiste e ironia, e o futebol feminino era percebido como um espaço de humor e ridicularização do corpo das jogadoras, sendo, portanto, essencialmente praticado por mulheres consideradas transgressoras (FRANZINI, 2006; 2005).

O Decreto-Lei nº 3.199, que ficou vigente entre os anos de 1941 e 1979, foi um dos grandes responsáveis pelo afastamento e silenciamento de mulheres brasileiras em diversas modalidades esportivas.¹ Durante o período, sob imposição do Conselho Nacional de Desportos (CND), instituiu-se quais eram as “práticas incompatíveis com as condições da natureza feminina”, dentre elas: as lutas, os saltos, o atletismo, o ciclismo, o rugby e, obviamente, o futebol. Diversos argumentos higienistas, religiosos e misóginos cerceavam essa prática e davam fôlego para a manutenção do Decreto-Lei. Era esperado que as mulheres brasileiras se comportassem como boas mães e boas esposas, logo, no imaginário social, as jovens que praticassem o futebol eram percebidas como mulheres desfrutáveis, perigosas, sujas, masculinizadas – e esse pensamento, mesmo que em menor escala ainda se reproduz nos dias de hoje (SOARES, 2013; PISANI, 2012).

Depois do ano de 1979, quando o Decreto-Lei foi revogado, o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF) produziu e publicou um fanzine chamado *Chana-com-Chana*, cujo primeiro número – “Mulher de chuteira” – foi inteiramente dedicado à prática futebolística das mulheres paulistas. Dessa forma, sabe-se que em São Paulo – no início da década de 1980 – o futebol feminino era uma modalidade majoritariamente disputada por prostitutas e vedetes e que, sob um enfoque fetichista, tinha como intuito atrair olhares masculinos para o corpo das mulheres. No fanzine, que traz entrevistas com mulheres jogadoras da época, sabe-se que foi no dia 12 de setembro de 1982 que elas entraram no estádio do Morumbi, pela primeira vez, para disputar uma partida de futebol.

Acompanhando, desde 2010, a trajetória de algumas mulheres jogadoras de futebol brasileiras, pude notar como o estado de São Paulo possui centralidade nos processos de formação e profissionalização das mesmas. Jovens atletas do sul do país buscam nos times paulistas espaço para o aprimoramento de suas habilidades atléticas e técnicas, e é quase um consenso entre elas que os times do estado são “vitrines” para que elas possam alcançar o sonho de jogar pela Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Contudo, esse é um contexto específico e recente dessa história de mulheres jogadoras de futebol no país. Pouco se sabe como foi a história de outras mulheres, em outras localidades do Brasil, logo depois da queda do veto. E é nesse espaço que se localiza o trabalho da historiadora Enny Viera de Moraes.

O livro *Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia nos anos 80-90*, publicado pela EDUFBA em 2014, realiza um trabalho magistral de resgate histórico da vida e da trajetória de mulheres jogadoras de futebol em Feira de Santana, no interior da Bahia, entre os anos de 1980 e 1990. Dividido em três capítulos – “História de mulheres: o futebol feminino em Feira de Santana”, “‘Sonhos possíveis’: história de feirenses na seleção brasileira” e “De sonho em sonho, sonhamos com os anos 1990 mais dourados...” – o livro reconstrói as dificuldades, os preconceitos, os momentos de superação e as vitórias pelos quais essas mulheres se depararam no começo dessa prática esportiva no Brasil.

No primeiro capítulo, “História de mulheres: o futebol feminino em Feira de Santana”, Enny reconstrói a história de três mulheres jogadoras de Feira de Santana: Ivonete Ferreira de Oliveira (Birrita), Neumanci Ferreira Gonçalves (Neuma) e Solange Santos Bastos (Soró). Com histórias e trajetórias que se aproximam, Enny evidencia ao leitor todas as dificuldades e preconceitos pelos quais essas mulheres passaram durante o período em que atuaram como jogadoras de futebol na cidade de Feira de Santana. Das dificuldades enfrentadas, pode-se listar: pouco incentivo familiar; preconceitos de gênero, raça e sexualidade; pouco ou nenhum retorno financeiro;

dificuldades de encontrar espaço para treinar; dificuldades de serem aceitas e inseridas no cenário esportivo futebolístico.

Se inicialmente essas mulheres eram afastadas dos campos de futebol – sob argumentos machistas e que punham em questionamento a sua sexualidade –, elas persistiram incansavelmente, chegando inclusive a disputar campeonatos fora do estado da Bahia – sobretudo na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. Intercalam-se, nesse capítulo, as entrevistas que Enny realizou com as três ex-atletas e algumas matérias esportivas de jornal, das décadas de 1980 e 1990, que ela utiliza a fim de contextualizar a fala de suas interlocutoras.

No segundo capítulo, “‘Sonhos possíveis’: história de feirenses na seleção brasileira”, Enny Vieira de Moraes reconstrói a trajetória de Soró, dos campinhos de futebol em Feira de Santana até a Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Enny também utiliza algumas matérias da revista *Placar* para descrever como foi a formação da primeira Seleção Brasileira de Futebol Feminino, no ano de 1988. Entre as convocadas estava Soró, que relata que mesmo atuando como zagueira pela Seleção precisou driblar alguns obstáculos para permanecer na equipe. Segundo ela, sentia muitas saudades de casa, sofria diariamente todo tipo de preconceitos, sentia-se insegura quanto a sua qualidade técnica e atlética, mas apesar de tudo mantinha a convicção de que seria a partir de sua atuação na Seleção Brasileira que conseguiria ajudar sua família – financeira e socialmente –, que havia ficado em Feira de Santana.

Enny encerra o livro, no capítulo “De sonho em sonho, sonhamos com os anos 1990 mais dourados...”, narrando como, apesar de todas as dificuldades enfrentadas e superadas pelas pioneiras da modalidade, o futebol hoje pode ser compreendido como um espaço de transformações e possibilidades possíveis para mulheres em todo o Brasil. E que a luta para uma real e concreta profissionalização das atletas continua sendo a pauta que mais movimenta questionamentos entre elas.

O livro de Enny Vieira de Moraes é uma obra que merece atenção daqueles e daquelas que buscam compreender o fenômeno do futebol brasileiro feminino. A autora descreve e reconstrói, com sensibilidade, uma página da história da modalidade que até recentemente se encontrava apagada e escondida. Acredito, veementemente, que para entender a modalidade hoje é preciso debruçar-se sobre as mulheres pioneiras, que, contra tudo e contra todos, fizeram do futebol – mesmo que por breve tempo – um modo de vida possível em suas trajetórias pessoais. Esse livro, portanto, resgata as vivências e as dificuldades enfrentadas por mulheres boleiras negras, pobres e lésbicas de Feira de Santana, lhes conferindo visibilidade e protagonismo, bem como mostrando a resistência das mesmas diante dos machismos, racismos e lesbofobia enfrentados cotidianamente.

Nota

1. Para maiores informações consultar o trabalho SILVA, Giovana C. Narrativas sobre futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo.

Referências bibliográficas

CHANA-COM-CHANA, 1982.

FRANZINI, Fabio. “Em posição de impedimento: as mulheres no país do futebol”. *ComCiência*, v. 79, p. 8. 2006.

_____. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328. 2005.

PISANI, Mariane da Silva. *Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

SOARES DE ALMEIDA, Caroline. *Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

autora **Mariane da Silva Pisani**

É Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Relizou mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é aluna de doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo.

Recebido em 31/08/2015

Aceito para publicação em 29/10/2015